

## **Novas Formas de Morar: Repúblicas para Idosos**

*New ways of living: retirement homes*

Rafael Fortes

**RESUMO:** O acelerado envelhecimento populacional e o aumento da longevidade no Brasil trazem muitos problemas que afetam a população idosa. Em relação à questão da moradia, a falta de um cuidado familiar, assim como a insuficiência financeira, levam os idosos a procurar novas formas de morar. Passa então a existir uma preocupação quanto à manutenção de sua saúde e uma boa qualidade de vida. Atualmente não existem muitas políticas públicas voltadas à moradia de idosos especificamente. Este artigo tem o intuito de mostrar como a vida dos idosos em República pode ser prazerosa e vantajosa.

**Palavras-chave:** Idosos; Repúblicas; Moradia.

**ABSTRACT:** *The accelerated aging and increased longevity in Brazil bring many problems that affect the elderly population. Regarding the issue of housing, the lack of family care and financials lead the elderly to seek new ways of living. Thus, there is a concern for maintaining both the health and the quality of life of these people. Currently there are not many public policies related to housing for the elderly specifically. This article aims to show how the lives of the elderly in the retirement home can be enjoyable and beneficial.*

**Keywords:** *Elderly; Retirement homes; Housing*

## Introdução

Historicamente, a sociedade responsabiliza a família pelos cuidados prestados ao idoso. Dentro de um contexto familiar é importante destacar que o cuidado é uma produção artesanal, portanto, cultural. (Fonseca & Soares, 2006)

A tendência do cuidado ao idoso dependente ser feito pela família é reforçada pelo estatuto do idoso em seu artigo 3º, parágrafo V: “(...) a priorização do atendimento do idoso por sua própria família”. (Estatuto do Idoso, 2003)

Em nossa sociedade atual, porém, as diferentes estruturações familiares e a condição atual financeira da maioria dos idosos brasileiros fazem com que estes busquem novas formas de morar.

Moradia é temática fundamental quando se trabalha o envelhecimento e, compreender as diferentes sensações do morar é pensar em nos novos arranjos e novas formas de morar. Na história das moradias o conceito de casa sofreu grandes alterações para chegar até os dias atuais em que são produzidas várias propostas de moradias para idosos, como, por exemplo, a vida em República.

Neste artigo optou-se pela pesquisa qualitativa a partir de entrevista, pois incentiva um aprofundamento na individualidade de cada um com o propósito de apreender a questão pesquisada dentro do contexto da sua subjetividade. O intuito foi buscar, na singularidade, o significado que cada um atribui ao próprio processo de envelhecimento e a sensação de estar em seu lar, mesmo na vida comunitária dentro de uma República para idosos. Em Minayo (2003: 21), encontramos a justificativa para a escolha desse instrumento de pesquisa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para relatar como é a vida dos idosos moradores de República foi feita entrevista com os dois moradores mais antigos e com a responsável pelo Setor das Repúblicas, este associado à Secretaria de Assistência Social da prefeitura da cidade de Santos (SP).

## **A questão do Domicílio**

Fica caracterizado que o prolongamento da vida é ganho coletivo, mas com o passar dos anos e com as atuais condições econômicas mundiais, este ganho tem sido interpretado como ameaça e perigo a reprodução da vida social.

No Brasil, a longevidade poder ter uma visão sombria visto que, os custos com internações hospitalares são muito altos, sobrecarregando o sistema de saúde público e privado. Outro ponto negativo são as alterações na estrutura da familiar brasileira, que de certa maneira impossibilita os cuidados adequados a um idoso longo, seja pelo acúmulo de tarefas da mulher (quase sempre principal cuidadora) ou pela falta de condição financeira. Para Gonçalves (1996), no Brasil existe uma “pobreza material” flagrante que aumenta cada vez mais e nos apresenta uma velhice sem dinheiro e sem assistência.

Tais questões apresentadas refletem nas novas formas de moradia para os idosos; porém, é necessário que se caracterize antes de qualquer opção o conceito de domicílio.

O domicílio constitui-se no local onde os indivíduos desempenham suas atividades, formam laços de amor e ódio, interagem uns com os outros e têm seus momentos de lazer.

Na legislação brasileira, a regra sobre a fixação do domicílio civil encontra-se estabelecida do Art. 70 ao Art. 78 do Código Civil Brasileiro.

O domicílio da pessoa natural é o lugar onde ela estabelece a sua residência com ânimo definitivo. Se a pessoa tiver várias residências onde viva, cada uma delas será considerada seu domicílio; se a pessoa não tiver residência habitual, seu domicílio será o local onde for encontrada. Também é domicílio, quanto às relações concernentes à profissão, o local onde exerça suas atividades; Se a pessoa exercitar profissão em lugares diversos, cada um deles constituirá domicílio para as relações que lhe corresponderem.

Segundo Bachelard (1974: 358), “a casa é o nosso canto no mundo”. O que implica dizer que a casa é o centro de referência, o grande berço, aconchego e proteção, desde o nascimento do homem. As lembranças da casa estão guardadas na memória, no inconsciente e nos acompanha durante toda a vida e sempre voltamos a elas nos nossos sonhos.

O viver numa moradia representa mais que espaço físico, é o lugar em que a vida acontece diariamente, em que laços afetivos são construídos ou esgarçados.

O meio em que se vive, com as múltiplas relações, nutre nossa identidade. A identidade do

idoso é construída socialmente na interrelação dos mesmos, com as representações do que é ser idoso em nossa sociedade.

Para Saraceno (1999), existem diferenças entre “estar e habitar”: estar designa pouca ou nenhuma relação de propriedade do lugar, do espaço no qual se vive, por parte do indivíduo. Habitar refere um grau maior de propriedade do espaço no qual se vive e uma participação maior na organização material e simbólica deste espaço.

Muitas são as formas de morar nos tempos atuais. É necessário pensar em cada uma delas para perceber a sensação de morar que cada uma pode proporcionar. Os rearranjos das moradias atuais dos idosos se apresentam de diferentes formas e propostas sociais variadas.

Algumas dessas formas são: idoso que mora com a família, família que mora com o idoso, idoso em situação de rua, idoso que mora em instituição de longa permanência, idoso que mora em flat, idoso que mora em condomínios para idosos e o idoso que mora em república, opção que será descrita a seguir.

### **A vida de idosos em República**

Este artigo utilizará informações coletadas a partir de moradores de República e profissionais envolvidos, que estão na cidade litorânea de Santos, no estado de São Paulo.

A média de idosos em Santos (14,5% da população tem pelo menos 60 anos de idade) já é substancialmente superior à do resto de São Paulo (6%). Destes idosos de Santos, 80% têm renda superior a 1,5 salário mínimo.

Fundada em 1996, por meio da parceria do movimento social “Pró-Moradia” com a Prefeitura Municipal de Santos (SP) a política pública das Repúblicas, atualmente é constituída por quatro casas-repúblicas alugadas com quarenta e dois moradores no total. A ideia central é fazer do velho um indivíduo portador de direitos e deveres, de autonomia e independência. O idoso deve ter o cuidado com a casa e consigo mesmo. Portanto, a limpeza da República deve ser feita por todos, num esquema de revezamento. A alimentação dos moradores é responsabilidade de cada um, tanto quanto ao fornecimento como ao seu preparo. Há, também, o pagamento do aluguel simbólico pelos moradores à Prefeitura e a divisão de contas de luz, água e gás entre eles. A ideia de idosos carentes, dependentes e acamados é substituída por idosos ativos, saudáveis e protagonistas de sua própria vida, como gostam de reiterar os agentes sociais da Prefeitura, encarregados pela implementação e acompanhamento do projeto, que fazem reuniões quinzenais com os moradores.

Atualmente essa política é constituída por quatro Casas-Repúblicas, são elas: República Bem-Viver, República Fraternidade, República Vitória e República Renascer. A proposta é uma forma alternativa à institucionalização do idoso de baixa renda e à falta de moradias populares, que preserva sua independência, autonomia e convivência comunitária, levando assim a uma velhice bem sucedida. A República Vitória e Renascer encontram-se no mesmo prédio, cada uma com cinco quartos com dois moradores cada, dois banheiros, sala, copa, cozinha e área de serviço. Hoje o morador mais novo tem 64 anos e o mais velho 82; o custo de moradia é em média R\$ 95,00, incluindo aluguel (R\$ 63,00), água e luz, reajustados de acordo com o salário mínimo. O perfil dos moradores é de um elevado número de solteiros e solteiras, sendo cerca de 50%, do número total daqueles que viveram nas repúblicas, sem filhos. Grande parte desses é natural de outras cidades e foi para Santos em busca de emprego, tendo exercido profissões com baixa qualificação.

As condições para ser beneficiário deste serviço são: ser morador de Santos, ter 60 anos de idade ou mais, renda mínima de um salário e máxima de dois salários, gozar de autonomia física e psíquica, não possuir imóvel próprio e nem residir com parentes. Os idosos que moram nas repúblicas dividem as despesas e as obrigações, ao mesmo tempo em que usufruem da total liberdade de ir e vir, conforto e da amizade e companheirismo dos demais residentes.

Existem muitas dúvidas quanto ao estilo de vida de idosos em República, principalmente se eles ficam desamparados quanto à saúde e lazer. Nas Repúblicas de Santos, o morador, devido a sua autonomia, vai por ele mesmo buscar suas atividades de lazer e cuidados com a saúde; esta política pública não é assistencialista e sim tem um apelo social, considerando que os moradores têm um custo. Aquele local é a casa do sujeito; em nenhum lar um idoso tem a sua disposição um médico ou profissional que dê alguma atividade lúdica; as Repúblicas não são instituições de longa permanência.

A República é um processo bem complexo, o que a sustenta é a assessoria ou atendimento quando necessário da Assistência Social pública. Um exemplo de suporte do setor de assistência social, em relação às questões pessoais dos moradores, seria quando se faz necessário um exame clínico devido a algum problema de saúde.

Contudo, em um caso ocorrido na República Vitória, uma moradora necessitava de um exame de endoscopia; tal exame é feito a partir de uma sedação, sendo necessário um acompanhante. Por essa moradora se sentir auto-suficiente, ela não achou necessário levar um acompanhante e omitiu essa informação da enfermeira responsável da clínica de diagnóstico por imagem. Ao final do exame, ela estava muito alterada devido à sedação e ficou por horas no repouso; ao ser questionada novamente ela disse que não tinha acompanhante; foi então que

contataram o setor das Repúblicas e um assistente social foi à clínica e transportou a moradora até sua casa, a República Vitória.

Mesmo que qualquer morador não tenha parente, ele está vinculado à Secretaria de Assistência Social da Prefeitura de Santos (SP), que a eles oferece este tipo de suporte quando necessário. Cabe ao morador entrar em contato com a Seção das Repúblicas para requisição de um acompanhante, como no exemplo citado.

A rotina de atenção e cuidado das Repúblicas parte de reuniões semanais marcadas pelos moradores com os assistentes sociais, para trabalhar os problemas que envolvem o convívio diário. Quando o grupo de moradores já criou um vínculo e está mais “amadurecido”, essas reuniões passam a ser quinzenais ou até mesmo mensais.

Todas as possíveis modificações que surgem durante as reuniões entram em votação, até mesmo a data de uma nova reunião, que por parte dos assistentes sociais deve sempre ter o maior intervalo de tempo possível.

São as reuniões que sustentam o trabalho vinculado à assistência social pública; nela os moradores colocam todos os pontos negativos e problemas da vida em coletivo. Muitos dos problemas começam devido à interferência de um indivíduo na vida pessoal do outro; a personalidade das pessoas nunca muda, ainda mais na vida em grupo; por exemplo, quem é individualista continuará sendo-o sempre.

Nessas reuniões é quando se fazem valer todos os direitos e deveres, evitando que os moradores possam chegar à agressão física, já que a verbal acontece com frequência e é muito difícil de ser controlada.

O trabalho dos assistentes sociais se resume em contornar questões de desavenças da vida cotidiana, seja em relação à limpeza do imóvel ou até mesmo dos costumes pessoais de um companheiro.

Geralmente os moradores das Repúblicas são pessoas que viveram vidas fracassadas e que após os sessenta anos estão tentando se reerguer. Cada sujeito tem sua história, mas, neste caso, esses idosos juntaram-se com outros para a construção de uma nova história.

Independente das reuniões semanais os moradores podem a qualquer momento buscar auxílio para suas questões particulares, na sede da Seção das Repúblicas (SEREP).

A importância de um vínculo entre a República e uma secretaria pública se dá especialmente em razão do abandono na sociedade em que vivem muitos moradores-idosos. Além de este tipo de moradia em República orientada pelo serviço público promover a autonomia e independência ao idoso, fornece o respaldo de profissionais especializados, se e quando necessário.

Outro exemplo desse respaldo do serviço público foi a necessidade de uma cirurgia para um dos moradores da República. Este morador tinha um problema cardíaco e circulatório, especificamente um aneurisma na veia aorta, uma das principais do organismo humano, o que lhe rendia um quadro álgico diário. Tal problema havia chegado a um estado crônico, quando o médico avisou-o de que, a qualquer momento, ele poderia ter o quadro agudizado, podendo levar ao falecimento. Apenas uma cirurgia poderia dar-lhe pelo menos mais dez anos de vida. Contudo, ela era de alto risco, sendo que apenas um em cada cem pacientes resistia ao procedimento e ainda poderiam restar sequelas. Por algumas semanas, este idoso pensou na possibilidade da cirurgia e trouxe a questão à assistente social. Por fim, ele aceitou submeter-se ao procedimento e a partir daí a SEREP deu toda a ajuda possível e cabível naquele momento. Uma semana antes da cirurgia, o quadro álgico deste paciente acentuou-se no período da noite. Certo dia antes de dormir, ele comentou esta situação com o companheiro de quarto; os dois conversaram por um longo tempo e após tomar os medicamentos ambos dormiram. Durante a madrugada, a dor ficou muito forte e esse paciente decidiu ir ao pronto-socorro sem avisar a ninguém. Lá, ele foi medicado e teve alta na mesma noite. Na sua volta à República, ele optou por chamar um táxi. Às seis horas da manhã, segundo outros moradores, o taxista tocou a campainha e disse que em seu carro tinha um senhor desmaiado há pouco; ele chegara até mesmo a perguntar em quanto ficara a corrida. Os outros moradores não sabiam de quem se tratava e foram acordando os demais colegas, até perceberem que o senhor em questão saira na surdina sem que o próprio colega de quarto percebesse sua ausência. Foi assim que reconheceram tal morador, chamaram uma ambulância, e contataram a SEREP; infelizmente, o senhor doente não resistiu a tantos atropelos, vindo a falecer de imediato.

Fica evidente que, mesmo que os assistentes sociais façam seu trabalho dentro de uma coletividade e solidariedade, muitos desses moradores das Repúblicas se sentem autosuficientes e independentes em suas imediatas decisões, a ponto de não procurarem nenhuma ajuda, mesmo a que lhe é francamente oferecida.

Em relação às questões de benefícios e vantagens vistos nos idosos moradores de República, destaca-se o resgate de certos princípios morais. Geralmente estes idosos vêm de condições de vida precária e de moradias como cortiços. Quando colocados para morar em coletividade, partilhando as atividades de vida diária, esses idosos passam a cultivar uma série de valores morais como respeito e solidariedade, levando-os a uma reaprendizagem, pois esses valores ficam perdidos por muito tempo devido à sua baixa autoestima e pouco senso de qualidade de vida. O morador de República precisa ser tolerante, companheiro, gerar um estado de proteção a si para que ele próprio não volte às péssimas condições de vida anteriores.

Quando se mora em cortiço, paga-se apenas uma cama em um quarto com várias outras pessoas, sem que se tenha qualquer interesse com elas, com as quais compartilha o mesmo espaço para viver. Os donos desses estabelecimentos se interessam apenas pela parte financeira, sem se importarem com qualquer reclamação de um morador para com o outro.

Assim que um idoso passa a morar na República, há normas, direitos e deveres que regem o regulamento da casa, que foi montado entre assistentes sociais e moradores. Sendo assim, o novo morador deve reaprender a convivência em grupo, pois o direito de um morador começa quando termina o do outro. Um exemplo é em relação ao abuso de álcool ou substâncias psicoativas; para estar na República, a pessoa com algum problema nesse sentido deve reabilitar-se; caso contrário, ela não será aceita.

A política pública das Repúblicas de Santos (SP) preconiza o respeito, e o que deve ser entendido pelos usuários do programa é que o morador deve fazer com o outro aquilo que ele gostaria que fizessem com ele.

Os assistentes sociais não impõem nada aos moradores, mas sim a própria vida impõe certas regras de conduta que devem ser seguidas em nossa sociedade.

Lidar com o ser humano é muito difícil; as pessoas têm personalidades distintas; no caso dos idosos moradores de República, a princípio eles se adoram, mas depois do convívio diário por certo período ocorrem desavenças. Contudo, algo que foi observado pelos profissionais envolvidos no trabalho junto aos moradores é que, mesmo nesses casos em que possa ocorrer uma agressão física, quando questionados, os sujeitos envolvidos insistem em manter o companheirismo e permanecer na República, com a ideia de mostrar ao outro seu ponto de vista de uma melhor maneira de contornar e lidar com a situação.

Um exemplo de maior prova de relação familiar encontrada entre os moradores foi quando uma das casas entrou em reforma e os moradores precisaram ser remanejados para outras Repúblicas. Ao se verem separados, os moradores entraram em estado depressivo, chorando diariamente, parecendo até mesmo uma vivência de luto.

Existem casos de moradores que, após alguns anos da vida em coletivo, e com a ajuda dos psicólogos e assistentes sociais, acabaram retornando para a vida em família, com filhos ou semelhantes; isso por repensarem e reaprenderem conceitos da vida em nossa sociedade atual.

A moradia em República gera a criação de um vínculo afetivo muitas vezes mais forte que um vínculo familiar, mesmo que o indivíduo divida o mesmo espaço com mais dez pessoas que não lhe são da mesma família.

Morar em república, para os idosos, é uma maneira viável e de baixo custo devido à divisão das despesas com o lar. Além disso, o convívio social entre os moradores é estimulante em grande parte, levando à melhora na qualidade de vida.

A referência à autonomia - um fator muito mencionado nas entrevistas - pode nos indicar que, mesmo morando com outras pessoas e dividindo tarefas da vida diária, os idosos sentem-se independentes e mais capazes. A seguir, estão os relatos dos moradores mais antigos das Repúblicas de Santos.

### **As Entrevistas**

O senhor CMQ, de 81 anos, ex-jogador de futebol, morador da República há 10 anos, e a senhora JMG, de 82 anos, ex-dona de casa, aposentada moradora da República há 11 anos, responderam a duas questões: “Quais são os pontos positivos de morar em República?” e “Quais são os pontos negativos de morar em República”.

O senhor CMQ em relação aos pontos positivos da vida em República relata:

*“Em primeiro lugar aqui é o meu teto, tenho liberdade de ir e vir. Aqui é barato morar, pago apenas 90 reais por mês, isso nem é pagar. Com meu salário mínimo sobrevivo bem, se tivesse um apartamento não teria como manter. Não sou dirigido por ninguém. Faço o que quero, é uma liberdade na República, mas sempre respeitando os outros.”*

Em relação aos pontos negativos, o senhor CMQ diz:

*“Nem todos têm os mesmos pensamentos, sempre tem algumas conversinhas”.*

A entrevistada JMG, em relação aos pontos positivos da vida em República, relata:

*“Acho que por tudo, eu me sinto bem aqui, sinto que é minha casa, tudo e por tudo, me dá a sensação de que estou em casa. Para mim, viver aqui é bom, eu gosto, porque a gente conversa, brinca, ri. Sinto até falta dos outros quando viajo. Aqui tenho independência e liberdade. Se não gostar de alguma coisa é só ir para o quarto ou sair. Aqui tudo é limpo. Não tem uma revistinha fora do lugar, na cozinha não tem um prato fora do lugar, todo o dia é feita a limpeza por nós mesmos.”*

Já sobre os pontos negativos do convívio no coletivo da República, ela revela que:

*“De vez em quando sai algumas brigas, por cada um ter uma ideia diferente. Por outro lado, não há nenhum ponto negativo de morar aqui.”*

## **Considerações Finais**

A partir da caracterização do domicílio, como sendo este um local habitável, onde os idosos estabelecem laços de amor e ódio, interagem uns com os outros, têm seus momentos de lazer e desempenham outras atividades, constitui-se a moradia em República como uma opção viável aos idosos com capacidade física e mental íntegra.

Além disso, as Repúblicas têm um baixo custo, aumentam o convívio social e consequente autoestima do idoso.

É importante ressaltar que este estudo partiu do levantamento de dados de uma República vinculada a uma secretaria pública, que presta assessoria e um certo respaldo aos moradores idosos, ainda que estes paguem um aluguel simbólico pelo espaço onde vivem, e sigam normas e regras estabelecidas pelos próprios idosos e pelos assistentes sociais envolvidos.

## **Referências**

- Minayo, M.C.S. (2003). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. (22ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Gonçalves, L.H.T., Silva, Y.F. & Pfeiffer, S. (1996). Cuidado do Idoso Fragilizado e de seus cuidadores no contexto domiciliar. *Cogitare Enfermagem*, 1(2). Curitiba: 39-47.
- ESTATUTO DO IDOSO (2003). Lei n.º 10.741, de 1º de outubro de 2003. Encontrado em 20 agosto 2009 em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/2003/L10.741.htm>.
- Fonseca, A.M & Soares, E. (2006). O processo saúde-doença e o cuidado domiciliário ao portador de doença de Alzheimer. *Fam. Saúde Desenv.*, 8(2). Curitiba: 163-7.
- Bachelard, G. (1974). *A Poética do Espaço*. In: *Os Pensadores XXXVIII*. (1ª ed.). São Paulo: Abril Cultural.
- Saraceno, B. (1999). *Libertando identidades*. (1ª ed.). São Paulo: Abril Cultural.

Recebido em 03/11/2010

Aceito em 28/11/2010

---

**Rafael Fortes** – Graduado em Fisioterapia pela Universidade Santa Cecília em Santos (SP), Mestre em Gerontologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) como bolsista CAPES. Atualmente atua em atendimentos domiciliares a idosos e portadores da doença de Alzheimer e desenvolve uma nova abordagem, integrando família e doente, a Fisiogerontologia. Atua como pesquisador no Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento na PUC-SP.

E-mail: fortesfisio@yahoo.com.br